

Filme com PC Peréio é resgatado na Berlinale

PÁGINA 3



'Das Licht', a retomada para o cinema alemão

PÁGINA 4



Novo Capitão América abaixo dos filmes anteriores

PÁGINA 7



2º CADERNO

'É o maior prêmio que ganhei como compositor'

Chega às plataformas o segundo EP do projeto Flores em Vida em que Noca da Portela recebe grandes nomes da música para cantar seus sambas antológicos

Por Affonso Nunes

O coração do velho sambista bate mais forte ou miudinho com tantas homenagens? Aos 91 anos, Noca da Portela é celebrado por discípulos como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Diogo Nogueira, Roberta Sá, Mariene de Castro, Xande de Pilares, Péricles, Dudu Nobre e Neguinho da Beija-Flor, entre outros, na "Coleção Flores em Vida - Vol.2", dedicado à sua obra. Lançado originalmente em julho como EP de cinco faixas, o trabalho ganha outras cinco e se completará num terceiro volume totalizando 14 canções com a participação dos artistas citados e outros como Renata Jambeiro, Fundo de Quintal, Velha Guarda da Portela e Noca Neto, seu herdeiro musical.

"Esse é um grande prêmio. Muitos dos grandes sambistas não tiveram essa oportunidade de receber uma homenagem assim, em vida. É o maior prêmio que ganhei como compositor. Os grandes intérpretes do

momento estão lá comigo", festeja Noca.

Produzido pela Universal Music Brasil, o Flores em Vida prevê, além do terceiro EP, um documentário sobre a trajetória do artista e os bastidores do projeto. A úl-

tima etapa será um livro com narrativa histórica sobre as composições do álbum, incluindo as partituras dos arranjos de Rafael Prates para o projeto.

A "Coleção Flores Em Vida" foi idealizada pelo



jovem compositor Ciraninho para elevar os grandes nomes do samba enquanto ainda estão entre nós. Inspirada em iniciativas como os Songbooks de Almir Chediak e os recentes Sambabooks, a coleção tem o diferencial de apresentar os compositores cantando suas criações ao lado dos convidados ilustres. "Esse projeto é mais do que um tributo, é um reconhecimento que o samba e seus criadores merecem, rompendo com o ciclo de esquecimento que muitas vezes atinge grandes artistas da nossa música", comenta Ciraninho, que também participa de uma das faixas, "Otimismo".

As demais faixas são "Celular" (feat. Diogo Nogueira), "É Preciso Muito Amor" (feat. Zeca Pagodinho), "Malas Prontas" (feat. Péricles), "Mil Réis" (feat. Jorge Aragão), "Caciqueando" (feat. Dudu Nobre), "Portela Querida" (feat. Velha Guarda da Portela), "Vendaval da Vida" (feat. Fundo de Quintal), "Opção" (feat. Xande de Pilares), "Festa no Arraiá" (feat. Mariene de Castro), "Vidas Negras Importam" (feat. Neguinho da Beija Flor), "Ilumina" (feat. Roberta Sá), "Peregrino" (feat. Renata Jambeiro) e "Alegria Contínua" (feat. Noca Neto). As últimas quatro, ainda não lançadas, completarão o álbum.

Continua na página 2

‘Sou um artista popular, um cronista da minha gente’

O nome artístico diz que é da Portela, mas ele é do Tuiuti, do Cacique de Ramos, do Barbas, do Simpatia é Quase Amor... Osvaldo Alves Pereira, o Noca, chega aos 91 anos de uma vida que, literalmente, deu muito samba. Esse mineiro chegou pequeno ao Rio e passou por inúmeros percalços antes de vencer na vida com sua música, tornar-se o primeiro sambista a ser secretário estadual de Cultura e até receber a Comenda da Ordem do Rio Branco, a maior condecoração concedida pelo Itamaraty.

Depois de viver em cabeças de porco ou barracos de zinco – perdeu tudo nas enchentes de 1966 que devastaram sua casa no Tuiuti –, trabalhou duro como feirante e soube conciliar as responsabilidades como marido e pai com a típica boemia no meio do samba.

Filho de um militante comunista, Noca herdou apenas duas coisas do pai: um violão e um quadro com a foice e o martelo. “Meu pai trabalhava na Lloyd, passava muito tempo longe de casa, mas tocava e compunha alguns sambas. Mas nunca quis que eu seguisse por esse caminho. Ele sabia que não tinha jeito e me tornei seu herdeiro na música e militância”, disse Noca a este repórter em depoimento dado em 2018.

E se viver exclusivamente de música era praticamente impossível para artistas de origem humilde, Noca deu seu jeito. O primeiro contato com os batuques veio quando viveu no Catete, bairro que concentrou vários blocos e escolas de samba, entre as quais a Irmãos do Catete, onde sua sensibilidade começou a ser notada. Anos mais tarde, vivendo numa cabeça de por-



Divulgação

Noca da Portela, Zeca Pagodinho e Ciraninho, diretor artístico do projeto Flores em Vida, nos bastidores da gravação de ‘É Preciso Muito Amor’, um dos muitos sucessos de Noca, para o álbum em sua homenagem

co na Praia de Botafogo, conheceu os compositores Mauro Duarte, Walter Alfaiate, Delcio Carvalho e César Farias, pai de Paulinho da Viola. “Então ali eu comecei a me descobrir como compositor. Formamos o bloco Foliões de Botafogo. Muita gente boa”, recorda o poeta.

De Botafogo, viveu no Morro Azul do Flamengo, antes de se mudar para o Morro do Tuiuti, em São Cristóvão. Atraído pelo custo mais baixo da moradia e por ter sabido que a turma de lá também era chegada ao samba. Nesta favela passou muito sufoco por morar na parte alta, onde a água não chegava, mas conheceu a mulher que seria seu esteio por 60 anos, a Dona Conceição, que desfilava no bloco local.

Noca não chegou a fundar a Paraíso do Tuiuti, criada um ano antes de sua mudança para lá, mas logo ingressou na escola e em sua ala de compositores, emplacando

vários sambas-enredo para a escola.

A ida para a Portela se deu em 1966 pelas mãos de Paulinho da Viola, que também era ligado ao PCB. “Na Portela era diferente. Precisava de um estágio de dois anos antes de poder apresentar sambas nas disputas de samba-enredo. Então, só pude participar dos concursos em 1968”, lembra. Disputou 13 finais de samba-enredo pela azul e branco, sendo campeão em sete ocasiões, como em 1995, quando a escola foi vice-campeã do Carnaval com “Gosto que me enrosco”.

A primeira música gravada é de 1954, mas sua história não traz boas lembranças. “Tinha uma marchinha chamada ‘Marlene meu ben’, uma homenagem à cantora de quem era fã. Cantei essa música para um cara e ele disse ‘Vou gravar essa música para você’. Respondi que, então, ele seria o meu parceiro. O cara só fazia compacto simples.

Gravou e assinou meu nome junto com o dele, mas nunca vi nenhum tostão”, reclama.

Mas com outras canções não foi assim. A partir dos anos 1960, passou a ser gravado por Maria Bethânia, Beth Carvalho, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Dudu Nobre. Zeca Pagodinho e Seu Jorge, entre outros.

Seu maior sucesso, “É Preciso Muito Amor”, tem várias regravações. O compositor conta que ela nasceu quando ele e um amigo estavam num bar em Guadalupe após o batizado do filho de um amigo. “Tinha um sujeito lá que já estava calibrado de bebida. De repente, me chega uma preta robusta e pergunta se o peixe que ele foi comprar ia chegar frito ou ensopado. Ela deu uma dura nele e exigiu que ele fosse pra casa. O malandro foi saindo de mansinho, mas depois que a preta passou pela porta, ele bateu no peito e falou pra todo bar ouvir ‘É

preciso muito amor para aguentar essa mala’. Começamos a batucar e mexer na frase até virar ‘É preciso muito amor para suportar essa mulher’ e o resto foi chegando. O bom samba tem que ser verdadeiro, tem que ter uma história por trás. Ouvi isso do Geraldo Pereira lá na Lapa”, explica.

Outro grande sucesso de Noca foi “Virada”, parceria com o filho Gilmar – o Noquinha –, e gravada por Beth Carvalho que virou um dos hinos da luta pela democratização durante a campanha das Diretas Já. “O que adianta eu trabalhar demais / se o que eu ganho é pouco / se cada dia eu vou mais pra trás, / nessa vida levando soco, / e quem tem muito tá querendo mais, / e quem não tem tá no sufoco, / vamos lá rapaziada, tá na hora da virada / vamos dar o troco”, dizem os primeiros versos. “Fiz esse samba quando os sindicatos estavam ganhando força, falava ali do drama do trabalhador. A Beth ouviu, disse que queria gravar e que ela faria sucesso”, lembra o compositor.

Com o bom dinheiro que ganhou com “Virada”, deu o troco em sua vida e comprou a casa no Engenho de Dentro onde vive até hoje com filhos, netos e bisnetos – Dona Conceição partiu em 2013. “Eu venci. Como imaginar que um menino pobre que chegou de Minas, trabalhou na feira, viveu em favelas, passou por tanto sufoco, viria a ser secretário de Cultura, que receberia uma comenda do presidente da República? Porém minhas maiores alegrias vieram do samba. Eu não vivi do samba, vivi para o samba. Certa vez meu neto me levou a uma roda no Rio Comprido. Tinha uma garotada que queria me conhecer. Era pra ficar uns vinte minutos; fiquei duas horas e meia. Tudo meu que foi cantado eles acompanhavam. É isso que realiza a gente, ser reconhecido pelo povo. Sou um artista popular, um cronista da minha gente”, orgulha-se.

Com uma lucidez e vitalidade que impressionam, Noca da Portela, do Tuiuti e de tantos sambas talvez seja um caso raro de compositor que assina parcerias com o neto. Se bobear, fará samba com os bisnetos.

Divulgação



Paulo César Peréio com Edna de Cássia no icônico 'Iracema, Uma Transa Amazônica', que passa nesta segunda em Berlim com cópia restaurada

Velho (de guerra) na Berlinale



Aplaudido no festival alemão nos premiados 'Os Fuzis' e 'A Queda', Paulo César Peréio, morto em 2024, enche o evento de saudades com projeção de 'Iracema, Uma Transa Amazônica'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Moleque ainda, ali pelos 23 anos, Paulo César Peréio (1940-2024) encheu a telona da Berlinale com sua irreverência (afiada já nessa sua fase de galetto ao belo canto) ao integrar o elenco do longa-metragem que rendeu o Prêmio Extraordinário do Júri de 1964 ao Brasil, "Os Fuzis". A direção é de Ruy Gurra, que, 14 anos depois, retornou à competição germânica com sua continuação, "A Queda" (rodada em dupla com o ator Nelson Xavier). Peréio integrava sua trupe também.

Com esse drama sociológico, Guerra repetiu a dose da premiação original. Em 1978, papou o Prêmio Especial do Júri berlinense pela fita. Essa mesma láurea foi dada por Berlim antes a um outro cult (e sucessão de bilheteria,

com 1,7 milhão de ingressos vendidos) também estrelado pelo ferrabrás gaúcho: "Toda Nudez Será castigada" (1973). Ele ainda foi visto por lá em "Ao Sul Do Meu Corpo" (1981), "Dias Melhores Virão" (1990) e no curta "Plano-Seqüência" (2003), de Patrícia Moran. Ano passado, sem pedir licença à saudade da gente, abusado como ele só, Peréio foi aprontar noutras latitudes – lá em Cima... ou, segundo muitos, lá nos Quintos dos Infernos, "abraçando o Capeta", como dizia.

Esteja onde estiver, nesta tarde, o astro há de abençoar a carreta da versão restaurada de "Iracema, Uma Transa Amazônica" (1974) pela maratona cinéfila europeia que tanto curtiu seu talento.

Dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Senna, esse clássico on

the road entrou em restauração em terras alemãs sob a coordenação técnica de Alice de Andrade, com o apoio do CTAV, Mnemosine, IMS, PUC Rio, Instituto Guimarães Rosa e da Cinemateca Brasileira. Entrou na Berlinale nº75 num bonde de doze filmes brasileiros e três séries nacionais, radicado na

seção Forum Special, sob a curadoria de Barbara Wurm.

Na trama, a adolescente indígena Iracema (Edna de Cássia) deixou sua família e mal consegue sobreviver trabalhando como garota de programa na cidade de Belém do Pará. Na labuta do sexo pago, ela conhece o caminhoneiro Tião Brasil Grande (Peréio, monumental em cena). Não há um pingão de modos em Tião, um tipo inescrupuloso e falastrão que faz apologia

do Milagre Econômico apregoa-do pela ditadura militar nos anos 1970. Leva Iracema para a rodovia com ele, numa jornada de múltiplos prazeres e injustiças sociais.

A sessão desta segunda em Berlim será no Zoo Palast. Rola mais uma na quarta-feira, no cine Arsenal. O filme faz um misto de documentário e ficção em sua engenharia dramática, o que galvanizou o ar de ferocidade debochada de Paulo César, cujo sobrenome à vera é Campos Velho. Peréio é uma variação dos apelidos de infância "Nego Véio" e "Vevéio".

Este ano, além da passagem póstuma pela Berlinale, ele será visto (e aplaudido) em nossas salas de exibição na carreira comercial de "Brizola – Anotações Para Uma História", doc de Silvio Tandler no

qual dá depoimento. Ganhou ainda homenagem da Associação de Críticos do Rio de Janeiro (AC-CRJ), por sua relevância para o nosso legado audiovisual.

Nos sets, Peréio zoava com a fama de escroto que conquistou (e cultivou) depois de dar trabalho para muita, mas muuuuita gente. Um aposto sugestivo – "o homem que foi expulso de uma suruba por mau comportamento" – acompanhava o astro do blockbuster "Eu Te Amo" (1981) em seus porres, suas fungadas insólitas, suas imposturas, mas, sobretudo, em suas incursões sempre dionísicas nos palcos, na TV e (sobretudo) na telona. Atravessou os mais variados movimentos estéticos do cinema brasileiro, amparado por seu vozeirão. Nenhuma voz de nossa indústria cinematográfica foi mais possante (e marcante) que a dele, ecoando para além de seus filmes, em locuções que fez, na publicidade e em mídias audiovisuais diversas.

Passou pelo Cinema Novo ("O Bravo Guerreiro"; "Terra Em Transe"), pelo Cinema Marginal ("Bang Bang") e pela Retomada ("Harmada"; "O Homem do Ano"). Ganhou Kikitos, Candangos e o troféu Oscarito de Gramado, em seu Rio Grande do Sul natal, que coroou sua adorável impostura como forma particularíssima de combater a caretece nacional. Esse combate será apreciado pela Berlinale, mais uma vez.

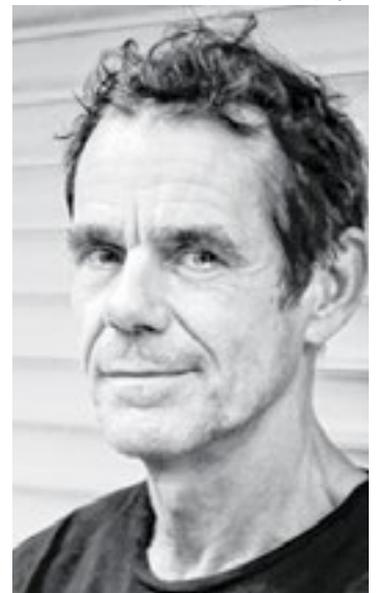
Joachim Gern/Divulgação

A luz que vem da Alemanha

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao marcar a volta do realizador Tom Tykwer às telonas, com 'Das Licht', a Berlinale festeja a luta do cinema germânico para driblar entraves financeiros e firmar novas vozes autorais



A costumada ao longo dos últimos dez anos a abrir sua programação com produções cheias de astros hollywoodianos ou estrelas europeias de fama global, a Berlinale optou pela prata da casa como abre-alas de sua edição nº 75, na última quinta, e trouxe de volta uma grife autoral da década de 1990: Tom Tykwer. Egresso de Wuppertal, o cineasta inaugurou a maratona cinéfila anual de sua pátria com "Das Licht" ("The Light"), que entra em circuito por lá em março. Sua escalação reflete o interesse da nova curadoria do evento, presidida por Tricia Tuttle (uma americana da Carolina do Norte), em celebrar a indústria germânica, no que ela tem de mais inventivo. Ao mesmo tempo que convidou uma produção inédita (e refinada) como cartão de visitas de sua gestão, Tricia promove uma retrospectiva de filmes de gênero (thrillers e longas de horror) germânicos da década de 1970, referentes à vida que havia naquele país nos tempos do Muro que dividia a Alemanha entre Oriental e Ocidental. Em respeito à pátria que a contratou como diretora artística de sua maior mostra competitiva, ela homenageia o chefe da Deutsche Kinemathek, o pesquisador Rainer Rother, com um troféu honorário, a Berlinale Camera.

"Este é um festival que sempre demonstrou escuta, sendo atento com o direito ao debate e o direito às diferenças desde que comecei a trabalhar com cinema", disse Tricia ao mediar a coletiva do júri oficial, presidido pelo diretor



Frédéric Batier/ X Filme Creative Pool

'Das Licht' (The Light), de Tom Tykwer, abre a programação da Berlinale 2025

Todd Haynes.

Criou várias janelas para que o cinema alemão pudesse se ver e se repensar, avaliando suas crises econômicas recentes. "Fazer um cinema refrescante para o olhar custa e arrumar dinheiro na Alemanha para filmar é difícil", disse Tykwer, que já dirigiu Tom Hanks, Halle Berry, Clive Owen, Dustin Hoffman e Hugh Grant no passado e, hoje, aposta num elenco de estrelas de sua nação em "Das Licht". "Existe sempre o desafio de filmar sem ser kitsch".

Sua obra teve retumbância mundial durante o redesenho do audiovisual germânico na conversão do cinema analógico (em película 35mm ou 16mm) para

o digital, na década de 1990. Os cults "Winter Sleepers – Inverno Quente" (1997) e "Corra, Lola, Corra" (indicado ao Leão de Ouro de 1998) fizeram sua fama. O novo exercício de sua autoridade, "Das Licht", investiga as práticas de incomunicabilidade (e de privilégio social) de uma metrópole. Nesse drama com toques não realistas de musical, uma família se amontoa num apartamento a administrar mal suas desarmonias. O casal Milena (Nicolette Krebitz) e Tim (Lars Eidinger) lidera esse arranjo familiar, mas parece incapaz de ter prazer ou de manter uma interseção de olhares. Embora as complexidades do dia a dia distanciem seus integrantes,

eles ainda preservam algum amor, mesmo incapazes de criar consensos sentimentais. A sequência em que comem macarrão na manteiga coletivamente traduz a incapacidade que todas aquelas pessoas têm em disfarçar seu enfado um com o outro. Quando passa a conviver com a síria Farrah (vívuda por Tala Al-Deen), contratada como governanta, esse clã terá novas lições de empatia. O desempenho de Eidinger arrebatou elogios.

"Eu passei os últimos anos (desde 2016) dedicado à série 'Babylon Berlin', reconstituindo a vida sob a ótica do que os nossos antepassados, nossos tataravôs, viveram. Chegou uma hora de ver como as crianças e os jovens adultos entendem o mun-

do", disse Tykwer, que arrebatou o festival com a sequência de uma corrida de bicicletas que evoca a Nouvelle Vague francesa, com direito a perseguição policial sob a chuva. "Quería celebrar 'Jules et Jim' numa reflexão sobre o desejo".

Apesar de Alemanha ter escolhido um filme iraniano ("A Semente do Fruto Sagrado", do qual foi coprodutora) como seu representante oficial ao Oscar 2025, ela atravessou 2024 emplacando seus talentos de prestígio nos grandes festivais internacionais e em circuito, como "Stella. One Life", "Cuckoo", "De Hilde, Com Amor" e "A Arte do Caos". A diversidade de gêneros, da comédia ao thriller, foi grande, atestando o vigor de seu cinema. De tudo o que se viu de lá no ano passado, nada ecoou tão forte quanto "Dying – A Última Sinfonia" ("Sterben"), de Matthias Glasner, com o já citado Eidinger. Estreou na Berlinale passada e saiu dela com o prêmio de Melhor Roteiro. É um longa que, ao lado de "Das Licht", renova uma filmografia consagrada, sobretudo nos anos 1970, pelas vozes autorais de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Margarethe von Trotta, Rainer Werner Fassbinder e Werner Herzog. Dos anos 2000 para cá, Maren Ade ("Toni Erdmann"), Christian Petzold ("Undine") e Fatih Akin ("O Bar Luva Dourada") se juntaram a esses medalhões, que, via Áustria, tiveram Michael Haneke (de "A Fita Branca") e Ulrich Seidl ("Paradise: Faith") como expoentes.

A Berlinale termina no dia 23.

Expectativas espanholas

Berlinalde/Divulgação



Ganhadora do Urso de Ouro há três anos com 'Alcarràs', Carla Simón atíça a imaginação da Berlinale com a espera por 'Romería', alvo de especulações no mercado do festival alemão

MUBI/Divulgação



Três anos depois de sua consagração na Berlinale, 'Alcarràs', de Carla Simón, segue sendo um hit no streaming

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Embora não tenha emplacado nenhum potencial sucesso na grade da Berlinale deste ano, a Espanha anda fazendo barulho na ala de mercado do evento alemão, o European Film Market (EFM), com o projeto mais recente de uma cineasta que se consagrou em solo germânico: a catalã Carla Simón. Há uma forte expectativa por seu novo longa-metragem, 'Romería', que ainda não divulgou trama ou elenco. Estima-se que a produção vá concorrer em Cannes, em maio. A especulação vem do prestígio conquistado por Carla ao ganhar o Urso de Ouro (de um júri do qual o cearense Karim Aïnouz era jurado) com "Alcarràs". Esse delicioso estudo sobre a vida em família ganhou vitrine nobre no Brasil na plataforma digital MUBI, depois de ter arrebatado a Mostra de São Paulo. "Tentei dar voz à casualidade a partir da arte do encontro, que minha prática documental me ensinou. Tentei levar o exercício de mirar pessoas em suas vivências particulares para uma ficção que reflete os dilemas reais da Europa rural de hoje", disse Carla ao Correio da Manhã em Berlim, um dia antes de conquistar o Urso dourado.

Sua consagração é parte de um renascimento comercial do cinema de sua pátria. A inclua a TV nisso, além dos streamings.

Existem camisetas, canecas, máscaras e toda a sorte de souvenirs de "La Casa de Papel" à venda pela Europa – assim como no Brasil – ilustrando o sucesso que uma narrativa talhada na indústria ibérica alcançou além das fronteiras de sua pátria, graças ao esforço estatal pra tratar a cultura como um produto tipo exportação. Recentemente, o Festival de San Sebastián, no norte da terra de Cervantes, exibiu "Apagón", uma minissérie dirigida por talentos classe AA do cinema ibérico, como Rodrigo Sorogoyen, Raul Arévalo, Isa Campo, Isaki Lacuesta e Alberto Rodríguez. Trata-se de uma trama catástrofe, abordada em cinco perspectivas distintas, baseadas em uma hipótese assustadora: uma tempestade solar gera um blackout no sistema de fornecimento de energia do planeta, deixando o mundo sem

luz elétrica, sem informática, sem esperança. O episódio dois, dedicado os efeitos dessa hecatombe sobre um hospital, é de abalar nervos. O projeto foi idealizado para a Moviestar+ e já se estima que sua narrativa viralize e vire um êxito popular.

"Apagón" e "Alcarràs" são parte de um processo de expansão global perpetrado pela Espanha, mesmo sob crises econômicas diversas, para difundir sua produção audiovisual planeta afora, consagrando nas plataformas de streaming, nas telas de TV e nas salas exibidoras (que já estão reabrindo) poemas em forma de séries ou filmes. Em 1999, com o sucesso internacional de "Tudo sobre minha mãe", que deu o Oscar a Pedro Almodóvar, as agências de exportação espanholas perceberam que cinema e televisão são, ainda, a maior diversão

– hoje, inclua as plataformas de difusão digital nessa conta – e prepararam uma série de projetos para fomentar a indústria cinematográfica e as grandes produtoras de conteúdo de TV de sua pátria. O resultado é uma produção que hoje domina Netflix, Amazon Prime, Globoplay e outras redes, contabilizando uma série de projetos de longas ou de seriados que angariam prêmios em todo o planeta, e mobilizam plateias GG, como vem fazendo "As Aventuras de Tadeo e a Tábua de Esmeralda", animação blockbuster importada de Madri.

Essa mesma indústria hoje abre champanhe para comemorar as conquistas de "Alcarràs". No passado, em 1978, quando a cineasta paulista Ana Carolina Teixeira Soares ("Mar de Rosas") foi do júri, o evento germânico deu seu troféu dourado a dois longas

da pátria de Goya: "As Palavras de Max", de Emilio Martínez Lázaro, e "Las Truchas", de José Luis García Sánchez. O calor daquele momento era político, numa resaca de franquismo, em dias em que Pedro Almodóvar começava a aparecer. O calor de agora, em que a suarenta paisagem catalã do longa de Carla ferve, é econômico, coroando a bonança midiática daquela país.

"Encontrei pessoas que se sentiram, momentaneamente, uma família, e lutei para reuni-las a partir do cinema", diz Carla, compartilhando uma triste descoberta sociopolítica. "Percebi durante o processo que as pequenas famílias de agricultores podem não ter muito futuro pela frente, pelos preços das frutas e pela especulação de grandes mercados".

Revelada à crítica com o cult "Verão 1993" (2017), Carla nos deslumbra em "Alcarràs" com o dia a dia dos Solé, um clã agricultor que vive da colheita de pêssegos. Nenhum de seus personagens é interpretado por atrizes ou atores com experiências profissionais. Todas e todos foram selecionados em festas populares, antes da pandemia. Após reuni-los, a diretora criou uma célula familiar que gira em torno dos pessegueiros e das brincadeiras de um divertido quarteto de criancinhas. Aquele agrupamento familiar é liderado pelo doce brucutu Quinet (Jordi Pujol Dolcet), que luta contra o abuso dos varejistas no valor pago aos rancheiros por frutos e contra a ocupação das terras ibéricas por painéis solares. "Existe um tom de crônica de uma morte anunciada", disse Carla à Berlinale. "O que vemos é a volta de uma tradição camponesa que envolve o cultivo da terra, mas tento retratar aquelas pessoas com esperança".

CRÍTICA / FILME / CAPITÃO AMÉRICA - ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Eli Adé/Marvel

Por Pedro Sobreiro

Desde o fim da chamada ‘Saga do Infinito’, há seis anos, quando os Vingadores derrotaram o Thanos em uma das batalhas mais épicas já vistas no cinema, a Marvel vem sofrendo para conseguir conquistar o interesse do público da mesma forma como antes. Com exceção de um filme ou outro, como ‘Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa’ (2021), ‘Guardiões da Galáxia Vol.3’ (2023) e ‘Deadpool & Wolverine’ (2024), o estúdio não conseguiu chegar perto do sucesso de público e crítica que seus longas antigos faziam.

E muito disso se deve à avalanche de produções que foram lançadas após ‘Vingadores: Ultimato’ (2019). Além de construir esse universo nos cinemas, a Marvel passou a investir em séries de TV, que ajudariam a moldar os rumos dessas novas fases no cinema. O problema é que muita gente não quis assinar o Disney+, que conta com uma mensalidade realmente cara, só para acompanhar os novos caminhos do Universo Cinematográfico Marvel, o popular ‘MCU’. Para piorar a situação, foram pouquíssimas as séries que se tornaram unanimidade dentre os assinantes.

Não bastasse essa desconexão entre público e ‘MCU’, ‘Ultimato’ marcou a despedida da formação inicial dos Vingadores, com seus principais heróis passando o manto para seus substitutos. E como fazer para fidelizar esse público novamente se alguns desses novos heróis foram desenvolvidos justamente nas séries, que não foram acompanhadas por todos os fãs?

Partindo dessa complicação, chegou aos cinemas nesta quinta-feira (13) a nova tentativa da Marvel de emplacar um novo ícone nos cinemas. Em ‘Capitão América: Admirável Mundo Novo’, Sam Wilson, o Falcão, assume o manto do Capitão América para inspirar as pessoas e manter a ordem nos EUA, em um período marcado pelo extremismo político. O longa dá continuação aos eventos de ‘Falcão e o Soldado Invernal’, uma das melhores séries do Disney+, que mostrou o Falcão (Anthony Mackie) sofrendo com o racismo do governo norte-americano, que tira o escudo e o uniforme dados a ele pelo próprio Steve Rogers, o Capitão América original, e entrega para um soldado branco com tendência à psicopatia.

A produção foi realmente espetacular ao mostrar Sam se questionando se merecia ou não ser um herói, enquanto compreendia a importância que teria para o mundo ver um



Ao lado de Thaddeus Ross (Harrison Ford), agora presidente dos EUA, Anthony Mackie vive o novo Capitão América numa aventura que mais parece ser um filme do Hulk

Longe do alto nível da franququia

Capitão América negro.

Já no filme, Sam é aceito e idolatrado mundialmente como o Capitão América, enquanto ‘treina’ seu parceiro, o novo Falcão. Porém, após um velho amigo se envolver em um atentado ao presidente dos EUA, Sam parte em uma investigação que o levará a uma trama de conspirações envolvendo o próprio presidente e um antigo vilão do Hulk, o Líder.

Logo de cara, vale ressaltar que o filme não repete a temática da série. Sam já é aceito como o herói e ninguém tentará substituí-lo. O grande embate da maior parte do filme é junto ao presidente Ross, interpretado por Harrison Ford, que substituiu o falecido William Hurt. Para quem não se lembra, o

General Ross caçou o Hulk por décadas e foi o responsável por trazer o Tratado de Sokovia, o acordo internacional que acabou com os Vingadores. Agora como presidente dos EUA, ele tenta mostrar ao povo que está mudado e se tornou um homem mais diplomático. Só tem um problema não tão pequeno assim: ele também se tornou um Hulk.

Apesar de flertar com o thriller político, o filme nunca se torna um. É uma aventura clássica de heróis, que não se aprofunda em temas políticos e tenta conquistar o público por meio das boas cenas de ação e da criatividade da direção para retratar os golpes e viagens mirabolantes. Dito isso, o roteiro, bastante previsível, funciona para entreter – apesar de ter uma ‘barriga’ um tanto incô-

moda enquanto se encaminha para o ato final – e acaba sendo melhorado pela excelente química em tela de Anthony Mackie e Harrison Ford. A dupla dá show e convence em seus respectivos papéis, trazendo ainda mais carisma para o ‘MCU’.

No entanto, incomoda um pouco que praticamente todo o núcleo de coadjuvantes do filme seja do Hulk. É como se o longa fosse construído para ser um ‘O Incrível Hulk 2’, mas com o Capitão América no papel principal. E fica ainda mais estranho constatar isso ao lembrar que a Marvel já recuperou os direitos do Hulk, então poderia ter utilizado o verdão, deixando o Capitão para uma trama que estivesse mais conectada ao seu núcleo de atuação, como enfrentar a Sociedade da Serpente, que é brevemente mencionada no longa.

De qualquer forma, o filme passa longe de ser a tragédia prometida pelos trailers e pelas fake news de bastidores, mas também não chega nem perto do altíssimo nível conquistado pela franququia ‘Capitão América’ desde 2011. Preso neste meio termo, ‘Capitão América: Admirável Mundo Novo’ constrói uma diversão honesta, morna e que deixa aquela sensação de que dava para ser melhor. É um típico sucesso da Sessão da Tarde, mas que provavelmente não será o bastante para resgatar o ‘fenômeno Marvel’ nos cinemas.

A Lapa de outrora

Por Cláudia Chaves

A idéia daquela Lapa romântica, habitada por personagens emblemáticos, figuras míticas, muitas paixões, poetas, mulheres misteriosas do Rio Antigo - revelada nos versos de Manoel Bandeira - persiste até os dias de hoje. E há sempre referência a uma refeição, a um momento de gula, a uma divisão de prazeres. Em meio a esse bairro, um patrimônio histórico do Rio de Janeiro, mais precisamente na Rua Morais e Vale, com seu conjunto arquitetônico de sobrados em estilo eclético, está o Jurema Bar.

Um misto de bodega (aquela casa que serve a pequenos grupos), a uma casa de pasto (os antigos restaurantes que servem boa comida e farta), o Jurema nos faz reviver os dias que não vivemos. O ambiente é lindo, decorado com estantes de madeira e vidro, as mesas com espaço para se conversar sobre os temas que valem a pena - samba, futebol, amores - já nos abre o apetite.

Lá fomos nós, eu e meu amigo Ivan, aquele que e

CRÍTICA / TEATRO / JUREMA BAR

Divulgação



O Jurema Bar também se destaca por sua decoração que remete ao passado da região

acompanhada desde o jardim na hora da merenda, experimentar o cardápio assinado pelo Chef Pedro Attayde. Destaque para os insumos nacionais como hortaliças, grãos e raízes. Abrimos de cara uma das Baixelas, esses pratos da contemporânea botiquinagem, a Bala de Barriga - cubos de barriga curados e assados em caramelo de vinho tinto e tomilho. Um sucesso. A crocância da pele do porco, a gordura desmanchando, no molho doce é de comer baldes.

Entre as Frituras, a Coxinha creme - coxinha de frango confitado empanada e frita, servida com coalhada da casa, com pouco creme, segurando o osso e mergulhando na coalhada é a chance de conhecermos o que é uma coxinha. Para o almoço, cardápio enxuto e correto, pedimos o bife de panela com canjiquinha. O tempero correto, a canjiquinha na crocância devida. Prato e sabores que só na casa da avó mineira. Pedir mais impossível. E sair cantando o samba da Portela, a Lapa de hoje, a lapa de outrora que revivemos agora é mais do que carnaval. Pura alegria.

SERVIÇO

JUREMA BAR

Rua Morais e Vale, 47

Segundas (18h a 0h), quartas (17h a 1h) quintas e Sextas das 17h às 2h), sábados (11h30 às 2h) e domingos (11h30h às 20h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Drinks de verão

O Verão Suru Bar, na Lapa, anuncia seus coquetéis de verão. Todas as novidades são feitas com gim. Em homenagem ao bairro vizinho, a Glória, nasceu o Santo Amaro, coquetel criado por Raquel Dantas, leva gim Tanqueray Bossa Nova,



Alvaide Ka/Divulgação

capim limão, suco de limão e tônica. Já o Posto Zero, de Alex Akuma, leva gim Tanqueray Bossa Nova, licor de cereja, limão, tônica e hortelã. E o Carijbrejo, de Pretinho Cereja, vai com gim Tanqueray Bossa Nova, Aperol, limão e soda de hortelã. Para acompanhar delícias frias como ovo rosa, sacanagem e rollmops.

Vinhos da casa

Restaurante japonês contemporâneo, o Gurumê desenvolveu uma linha de vinhos. Com a vinícola Don Abel, de Casca, na Serra Gaúcha, criou o Gurumê Chardonnay. Já o Gurumê Merlot é fruto de parceria com o argentino Adolfo



Guilherme Lessa/Divulgação

Lona, um dos mais prestigiados enólogos que atuam no Brasil. Os rótulos da casa estão presentes nas cartas de toda a rede. "Os vinhos foram feitos para agradar os paladares que buscam autenticidade, frescor e elegância, sem abrir mão da versatilidade" conta Vinícius Waltz, sommelier do grupo.

Feijoada na Lagoa

O Clássico Beach Club Lagoa serve todos os sábados, domingos e feriados sua Feijoada Clássica. O feijão é cozido lentamente com cortes nobres de carne suína, resultando em um caldo aveludado e bem aromático. De acompanhamentos: arroz branco, couve refogada, farofa e laranja fresca,



Divulgação

equilibrando sabores e texturas. Para animar, apresentações de músicos na voz e violão, DJs ou som ambiente. O valor da feijoada é R\$ 160 (para 2 a 3 pessoas), servida na mesa, em formato de família style, ideal para compartilhar e como cenário a vista deslumbrante da Lagoa.

Logo ali

Semana destas 'conversava', por troca de mensagens, com uma coleguinha – assim chamamos nossos pares jornalistas – acerca do filho de outra coleguinha, que está em visita ao país numa daquelas viagens que levam 48 horas para se chegar em solo brasileiro. Solto um "É logo ali!" de pronto. Mineira, como manda o figurino, já escrevia: "Logo ali de mineiro, né?" e reforça: "Quem conhece sabe como é. Já fiquei brava com muita gente por ir a pé a um determinado destino porque era 'logo ali'."

Imediatamente me veio uma passagem em que eu, por conta de trabalho fotográfico, me deslocava por estradas vicinais mineiras, daquelas que é uma casa ali e outra acolá. Havia recebido as instruções de como chegar, pois nem o GPS do celular funcionaria. Claro: fiz a fatídica pergunta: "É perto?". A resposta foi certeira: "É logo ali, não tem o que errar!"

A referência era que quando chegasse ao 'grupo' pegasse à esquerda e mantivesse essa posição até a porteira da fazenda. Estrada de terra, cortando 'o nada', buscava atentamente o 'grupo', que na minha concepção (errada evidentemente) seria a sede da banda marcial do distrito ou algo assim.

Quilômetros e quilômetros rodados nada aparecia senão uma fazenda ali e outra acolá, até que me deparo com uma cooperativa na beira da estradinha, "opa!", bradei; minha tábua de salvação. Estaciono, cumprimento os presentes com um sonoro "bão", no que fui imediatamente correspondido em coro, como é de praxe da atenciosa educação e hospitalidade mineira. Havia no ar uma sensação de alívio e ao mesmo tempo ansiedade, pois eu saberia se estava perdido ou no caminho certo.

Inicialmente descobri que 'o grupo' era a escola que estava um 'cadin' à frente, que a fazenda que eu procurava era "mais um pouco de estrada"... De repente, ouço uma voz tonitruante bradar do fundo da venda: "Vai para o Quilombo? Uai, cê tá longe 'bagarai'!"... logo pensei: "Vou ter que atravessar o estado até o Mato Grosso para chegar lá!"

Na verdade, não foi tanto, mas também não foi pouco – umas três horas e meia em estrada de terra batida. Por isso criei uma tabela com distâncias mineiras, assim, nenhum outro desavisado ficará se achando 'perdido':

Dá para ir a pé: de 1 a três quilômetros

Pertin: de 3 a 5 quilômetros

Logo ali: de 6 a 10 quilômetros

É um cadin longe: 30 quilômetros no mínimo

É longe 'bagarai': a partir de 200 quilômetros

